


AZEVEDO, Carlos A. Moreira

*Santa Maria: Teologia, arte e culto. Contributo do Santuário Mariano*

Lisboa: Imprimatur, 2021. 184 p. ISBN: 978-989-99967-7-9

JOAQUIM FÉLIX DE CARVALHO

doi: <https://doi.org/10.34632/lusitaniasacra.2022.11616> Universidade Católica Portuguesa, Centro de Investigação em Teologia e Estudos de Religião, Portugal <https://orcid.org/0000-0003-0779-3413>

*Imprimatur*. Imprima-se. E o livro foi impresso. Como um ‘despacho’ de ‘boa hora’. Não sem ladeiras de ‘areias’, ‘soledade’ e ‘angústias’, de tão difícil que é assistir a partos de livros cuidados em áreas da cultura cada vez mais desérticas. Talvez seja aqueloutro sinal, gerado no indício ciente, da bênção daquela que, com estes e incontáveis títulos, é invocada: Maria. *Imprimatur* acaba de publicar *Santa Maria: Teologia, arte e culto. Contributo do Santuário Mariano*. Da autoria de Carlos A. Moreira Azevedo, é uma obra fundamental, no panorama editorial português, num setor muito desabastado, como é o dos bens culturais de matriz religiosa, capaz de fornecer aos leitores um mapa ‘mariológico’ em Portugal. Eis porque, desde já, dirigimos ao autor, à editora e aos leitores a saudação: «Gratias vobis ago» (obrigado). Reforcemos: a todos vós que avivais itinerários nas faixas da ‘atenção’ gráfica e do ‘esplendor’, assinalado pelo desejo de dar à luz *scriptura altera*, na erudição do autêntico e imagética de afeição, na textura dos sentidos corporais e da idiossincrática ‘ethologia’ das espiritualidades, em livros que alimentam a deslocação, como a devotos peregrinos, que sentem a sua ubiquidade na forma de linhas de piedade, a enraizar ou a florescer, em pétalas e sílabas de uma infinita onomástica.

Carlos A. Moreira Azevedo, membro da Academia Portuguesa de História, é autor experiente nesta tipologia de publicação. Demais a mais, é uma das suas áreas de investimento na produção científica. Que se lhe ajusta bem, refira-se, pelas missões apostólicas que desenvolve, entre outras, como delegado para o Conselho Pontifício da Cultura, coordenador do Departamento dos Bens Culturais e membro da Comissão de *Archeologia Sacra*. A temática mariológica aparece-lhe, assim, na sequência de vários estudos, no âmbito da iconografia cristã, publicados em 2016, com vários ensaios sobre a santíssima Trindade, o Espírito Santo, a Eucaristia e de vários santos: S. Paulo, S. Vicente, S. Sebastião, Pantaleão da Nicomédia, Santo Agostinho e S. Teotónio, Santo António e S. João de Deus. Pela pertinência que tem para a recensão da obra, agora publicada, sublinhe-se que, em *Estudos de iconografia cristã*, já tinha trabalhado a iconografia e a teologia de Maria, nas invocações da ‘Imaculada’, com novas interpretações, e da Natividade; assim como, a leitura que faz, no último ensaio, das pinturas que Paula Rego escreveu para a capela do Palácio Nacional de Belém, em Lisboa. De facto, há um ‘lastro’ de ‘precedências’ desta obra que, por sua vez, como iremos assinalar, e o autor explicitamente menciona, se constitui de textos escritos, em circunstâncias de redação e de ensino, no curso dos últimos vinte anos. Aos quais, de forma inédita e substancial, associa desenvolvimentos.

Na *Introdução*, com muita clareza e sentido de economia verbal, o autor justifica a escolha do título, *Santa Maria*, como retorno ao nome ‘primitivo’ com que se invoca Maria, mãe de Jesus, e, por coerência, mais aderente e salutar com a época atual, mesmo para os não crentes; apresenta a arquitetura interna do livro, nas suas três partes e segundo as relações que entre

---

elas estabelece; e, por fim, aclara a natureza do *índice*, com as invocações marianas em Portugal, e da *bibliografia*. Quanto à estrutura arquitetónica do livro, desenha-a o próprio nas seguintes palavras: «Nesta obra reúno somente três dimensões de estudo: a evolução da reflexão sobre Maria a nível doutrinal ou teológico realizada por autores lusos até 2000; a origem dos diversos tipos de representação mariana na arte; e, finalmente, um índice de títulos marianos propostos pelo *Santuário Mariano*, com acrescento de todas as invocações posteriores, que consegui reunir. Termino com uma bibliografia selecionada, que menciona apenas obras gerais, uma vez que as referentes a cada santuário foram colocadas em nota, na respetiva menção do terceiro capítulo» (p. 7). Estrutura que, por outras palavras, sintetiza a partir de um 'fio azul', relacional, como invitatório à leitura: «Começamos estes contributos pela via da verdade (mariologia), para passarmos à via da beleza (arte) e terminarmos na via da vivência espiritual (invocações da piedade)» (p. 9).

Desde a primeira frase, o autor coloca-se numa atitude humilde para o 'trato' do tema. Atendendo à sua simbólica cultural e popular, a temática de Santa Maria, mãe de Jesus, mesmo que só e especialmente considerada na sua expressão católica, no decurso do arco de dois milénios, «exige olhares humildes e parcelares» (p. 7).

Por certo, assumir as margens de um tratado, na mariologia que se fez em Portugal, ainda que com reduzida e pobre produção teológica, não é um 'subterfúgio'. Quem tiver noção da abrangência do tema, saberá ponderar as dificuldades, desde logo o acesso às fontes, e reconhecer o contributo que esta obra aporta à cultura. E o autor está consciente disso: «A imensidade de publicações sobre tema mariano e as menos abundantes sobre tema mariológico não nos permitem um olhar exaustivo, nem sequer abrangente, relativamente ao assunto» (p. 7-8). Daí a sua concentração: «Por isso, neste volume me detenho numa síntese da mariologia relativa sobretudo aos estudos antecedentes ao II Concílio do Vaticano» (p. 8). Síntese que, aliás, é apresentada de forma muito densa e com abundantes citações, na primeira parte da obra, dedicada à «mariologia portuguesa». Que, como o autor assinala em rodapé, «corresponde» ao seu texto publicado no vol. 4, do *Dicionário de História Religiosa de Portugal* (p. 445-457).

Não obstante o foco temporal da síntese, o autor sabe que muita outra produção se fez no período pós-conciliar: «Felizmente, nas últimas décadas alguns teólogos portugueses entraram na temática mariológica em consonância com a produção estrangeira, marcada por nova linguagem, equilibrada e contida, sem perder o afeto e o sentimento» (p. 8). E, no que respeita à teologia mariana, sublinha, nos últimos parágrafos, o contributo de alguns bispos; trabalhos impulsionados pela renovação conciliar, com o título de Maria, Mãe da Igreja, por exemplo; alguma produção na literatura, cujos títulos, não muitos, comparecem em rodapé; e, sobretudo, a abundante e qualificada reflexão, nos Congressos promovidos pelo santuário de Fátima.

Parece-nos, a menos que haja razões que desconhecemos, que esta síntese poderia ter sido mais generosa. Sustentamos a observação no facto do próprio texto «Mariologia portuguesa», publicado no *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, se encontrar mais bem fornecido no que ao século XX diz respeito, com a apresentação dos núcleos temáticos refletidos em vários Congressos e Simpósios (v.g. Congresso Mariano sobre a Assunção, promovido pela Província Franciscana de Portugal; Centenário do Santuário de Nossa da Penha, em Guimarães; e os, já referidos, Congressos realizados em Fátima). Sem esquecer, como o autor

bem sintetiza nesse texto, a produção bibliográfica desenvolvida pela Sociedade Mariológica «Mater Ecclesiae» e, durante o Ano Mariano de 1988, no contexto de numerosas iniciativas organizadas pela Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa (UCP) e pelo Instituto Superior de Évora; e, bem assim, nas revistas da Faculdade de Teologia em Braga, Lisboa e Porto, só para mencionar as de maior relevo para a reflexão mariológica. O autor, que por uma década foi presidente da Comissão Científica para a publicação da *Documentação Crítica de Fátima* (1998-2008), tem noção da «nova fase na história da mariologia em Portugal» (p. 25), iniciada com os estudos do fenómeno de Fátima, nos respetivos Congressos. Porém, como assume, e assim esperamos que se venha a fazer, «a merecer uma análise» (p. 25). Quem sabe, em publicações futuras. Aqui fica o estímulo para tal desafio, que seguramente requererá muito esforço, tal é a abundância e riqueza dos temas.

Na *segunda parte*, o autor apresenta a criação figurativa do «retrato e a origem da imagem» de Maria, Mãe de Deus. Este estudo é fundamental, sobretudo para precaver que a criação das imagens, por motivos muito diversos, desde as lendas, aos mitos femininos e à personificação da feminilidade mítica, se estabeleça na «compensação psicológica e religiosa destinadas a apagar o desejo de proteção» (p. 27). Até porque, como ele acautela, «uma espiritualidade devocionista e sentimental pode ser redutora do lugar que o cristianismo concede a Santa Maria» (p. 27). Nesse sentido, é importante iluminar este processo criativo à luz do cap. VIII da *Lumen Gentium*.

Após esta breve introdução, num «ponto prévio», o autor esclarece que o texto prossegue na forma como o preparou para um Curso livre, que lecionou em Lisboa no ano 2011: «Santa Maria: iconografia da vida e das invocações». A trajetória avança pela questão da vera efigie e S. Lucas pintor e as primeiras figuras de Maria. No ponto 3, trabalha o tema de Santa Maria em Majestade, subdividido em várias alíneas: Santa Maria orante ou Panagía Platytera, Panagía Odigitria ou condutora, Panagía Nikopoía ou da vitória ou Kyriotissa. O ponto 4 é consagrado ao tema de Santa Maria da Ternura, com as respetivas subdivisões: Panagía Galaktotrophousa ou Santa Maria do Leite, Santa Maria Carinhosa e *Mater Dolorosa*. Por fim, no ponto 5, dedica-se à figuração de Santa Maria protetora ou da Misericórdia. No último parágrafo, o autor remata o estudo com o comentário: «Eis uns breves apontamentos sobre as tipologias primitivas das representações marianas. Embora este estudo se dedique aos esquemas das origens, a arte contemporânea tem ousado novas figurações, ainda sem um estudo global» (p. 43). A estas palavras o autor associa, em nota de rodapé, um breve elenco bibliográfico. Cremos que seria importante enriquecê-lo, nomeadamente com a produção que se fez durante o tempo do MRAR, Movimento de Renovação da Arte Religiosa, em Portugal, objeto da tese de doutoramento de João Alves da Cunha. De facto, nela, fornece-se muita informação sobre representações de Maria, em pintura e escultura como, por exemplo, a escultura de Santa Maria concebida por Maria do Carmo d'Orey, ou a de Nossa Senhora de Fátima, que foi esculpida e pintada por muitos artistas. Além disso, em Braga, nas remodeladas capelas dos Seminários Arquidiocesanos, a pintora sueca Lisa Sigfridsson escreveu vários ícones, a partir de invocações às quais o autor se refere nesta terceira parte, entre eles, o de Santa Maria da Ternura, a cujo políptico, de cinco partes, foi dedicado o livro *Triságia*, publicado em 2020, com um *posfácio*, intitulado «Do invisível azulado», em ensaio à teologia dos ícones. E o escultor

---

norueguês, Asbjørn Andresen, esculpiu a escultura de Nossa Senhora da Humildade, sentada no meio do espaço da assembleia.

Na *terceira parte*, o autor dedica-se à «poli-onomástica multidimensional» de Santa Maria, tendo por base o «contributo do *Santuário Mariano* para a onomástica mariana em Portugal» (p. 45), enriquecido com outras 378 invocações, colhidas em bibliografia até aos nossos dias. Partindo da reedição do *Santuário Mariano*, realizada pelo investigador Pinharanda Gomes, o autor diz-se conduzido «a elaborar um índice dos títulos marianos aí referidos, com a indicação das terras, atualizando o nome dos lugares e identificando os concelhos» (p. 47), de forma a contribuir para um «atlas mariano português». No ponto 2 apresenta a evolução das invocações marianas, tendo por referência a sua raiz litúrgica ou com comemoração fixa, a devoção, a toponímica e as associações aos elementos da natureza e das construções humanas.

O índice de invocações, com cerca de 750, das quais só 372 são referidas no *Santuário Mariano*, é apresentado por ordem alfabética da página 73 à 171. A maior parte das invocações e respetivos lugares são acompanhados, no aparato crítico, por referências bibliográficas, deveras abundantes. Eis porque a bibliografia final conta apenas com obras gerais.

Por muitos méritos assinalados, pela qualidade das ilustrações e características materiais, esta obra corresponde ao propósito do autor que, na sua mariologia e seleção imagética, sustenta a sua pastoral: «Tenho procurado conduzir os fiéis a não se dirigirem diretamente a Maria nas suas orações, mas sempre a Deus, acompanhados de Maria (Atos 1,13-14). Se no terceiro milénio se deseja abrir caminho ecuménico, importa purificar as fórmulas orantes, com nova sensibilidade, como foi ocorrendo ao longo da história. A devoção mariana é um recurso precioso para a fé do povo de Deus, mas deve ser cuidadosamente evangelizada. Apreciar amorosamente a piedade popular significa oferecer-lhe caminhos de fraterno compromisso e de atenção ao que Deus pede nesta hora da História, em plena interculturalidade» (p. 8-9). Bem-haja D. Carlos Azevedo, por esta *pastoral* e as opções que, em atenção às circunstâncias do terceiro milénio, faz. E, claro, por mais esta sua obra.